



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EM BUSCA DE UMA FORMAÇÃO PARA ALÉM DO MERCADO DE TRABALHO

Elisa de Arruda e Silva¹

Itala Nathiara Abreu Oliveira²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as perspectivas pedagógicas voltadas à modalidade da EJA para formular propostas pedagógicas que consolidem a autonomia e a autoestima dos sujeitos que retornam à escola. A temática foi pensada no sentido de colocar a modalidade da EJA em pauta e refletir acerca das possibilidades que os sujeitos adquirirem, a partir do seu retorno à escola, em relação ao mercado de trabalho. Nesse sentido, as referências teóricas escolhidas são: as obras de Paulo Freire (1997 e 1987) e Mizukami (1986), que suscitam, em aspectos peculiares, o fomento à intencionalidade crítica dos sujeitos presentes na EJA. A pesquisa é do tipo bibliográfica, a qual pressupõe uma metodologia de busca mais ampla aos estudos acerca do tema, bem como em periódicos científicos e teorias da área da educação tomadas por este objeto de estudo. Os resultados deste estudo apontam que os sujeitos da EJA retornam à escola preocupados com a sua inserção no mercado de trabalho, portanto, cabe à escola incentivar a permanência dos estudantes e valorizar as suas experiências, bem como, ampliar as suas condições objetivas e subjetivas na vida, não focando apenas no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagens pedagógicas. Paulo Freire. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a EJA se posiciona em um local de recomeço para diferentes sujeitos, julgamos necessário nos aprofundarmos sobre esta modalidade, entretanto para tal

¹ Estudante do 4º ano do curso de Pedagogia da UFMT. E-mail: elisaarruda22@gmail.com

² Estudante do 4º ano do curso de Pedagogia da UFMT. E-mail: itala.abreuoliveira@gmail.com



movimento é necessário romper com a visão deturpada de que se trata de uma modalidade meramente reprodutora de mão de obra. A metodologia é a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, a qual permeia diversas discussões e leituras realizadas durante a disciplina optativa chamada Educação de Jovens e Adultos ofertada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Escolhemos a pesquisa bibliográfica por considerarmos uma oportunidade ímpar de acesso a estudos publicados, os quais permitirão conhecimento amplo acerca da modalidade, de seus limites e possibilidades formativas. Para tanto, Gil (2002) explicita o método:

[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (2002, p. 3).

Entendemos que não se pode dissociar por completo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), como oportunidade de ampliação do mercado de trabalho, buscamos para além, mas defendemos que, na perspectiva de Freire (1986), com a Pedagogia Libertadora, é possível que os sujeitos passem a ler a realidade de forma mais crítica e percebam o movimento da desigualdade social como um dos fatores que contribuíram para o seu afastamento da escola. Nessa perspectiva, a educação toma uma direção importante para cada estudante da EJA; passa a ocupar o lugar das possibilidades de enfrentamento dos desafios da vida, com mais segurança, conhecimento e criticidade.

Desse modo, construímos o artigo com uma breve apresentação das abordagens pedagógicas trazidas por Mizukami (1986), com o objetivo de melhor identificarmos as tendências pedagógicas que dialogam com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Posteriormente trazemos a perspectiva de Freire, com base em sua obra principal “Pedagogia do Oprimido”. As questões que nos provocam a este estudo são: quais tendências pedagógicas são mais apropriadas para a realização de um trabalho docente que prime pela formação holística? Quais abordagens do processo de ensino mais se aproximam da teoria da Pedagogia Libertadora? O artigo está estruturado com dois tópicos, quais sejam: o primeiro Alternativas



pedagógicas mais apropriadas ao universo da EJA: as abordagens de ensino segundo MIZUKAMI (1986); o segundo tópico, como ir além do espectro produtivista da escola pública que conduz o conhecimento ao saber fazer? Em cada um dos dois tópicos o diálogo teórico abrange teorias que iluminam a prática pedagógica a partir de uma relação de respeito, de compromisso ético e político com os sujeitos da modalidade EJA. O docente que tem empatia pela condição limitante com a qual muitos estudantes dessa modalidade se encontram, no que tange a permanência de seu processo de escolarização, ele faz um trabalho diferenciado desde estrutura física da sala de aula, até a forma como cuidadosamente pensa em cada detalhe do material de suas aulas, pois a prática pedagógica pressupõe partilha de conhecimentos.

ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS MAIS APROPRIADAS AO UNIVERSO DA EJA: AS ABORDAGENS DE ENSINO SEGUNDO MIZUKAMI

Para dar bases firmes a nossa idealização de uma educação que leve os sujeitos envolvidos com a na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a uma libertação do paradigma uno de trabalho e construam seus próprios ideais, apresentamos as concepções de abordagens pedagógicas postas na obra de Mizukami (1986). Salientamos que nosso intuito não é condizente com uma classificação ampla no ambiente educacional, mas em um recorte, a EJA, por isso, a nossa escolha se baseia nesse espaço, conduzindo para o fortalecimento da autoestima e da autonomia dos(as) estudantes.

A primeira abordagem trazida na obra de Mizukami (1986) é a tendência Tradicional, que se trata de uma abordagem empírica, condizente com a transmissão de conteúdo por meio dos anos, definindo o professor como um ser completo e o aluno um ser em processo. Por este fator, focaliza o ensino no professor, que transmite aos seus alunos seus conhecimentos científicos e tecnológicos em um caráter cumulativo, conduzindo-os a uma sofisticação das informações a eles propostas e restringindo essa transmissão ao ambiente escolar. Portanto, pondo o professor no papel de expositor, e os alunos, passivamente, recebendo o conteúdo. Após uma pequena exposição sobre a abordagem tradicional, já é clarividente que ela não condiz com nossa proposta para EJA, por aspectos como a elitização dos conhecimentos



científicos e tecnológicos, o posto do aluno como sujeito passivo, o professor como ser pronto e a visão de transmissão de conhecimentos. São aspectos que desconsideram a particularidade dos alunos ingressos na EJA, que carregam ampla bagagem social, que precisam de um olhar atento e não de uma educação que os tornem passivos, como um recipiente a ser preenchido por homens superiores.

A próxima abordagem trazida é a comportamentalista, também uma abordagem empirista, em que o conhecimento é tido como uma descoberta, sendo novo ao sujeito, mas já presente no exterior dele, sendo esse sujeito produto das forças e influências do meio ambiente. Nela, existe uma transferência do controle para a autossuficiência, definindo o conhecimento como produto da experiência. Por sua visão voltada ao externo, leva à definição de um professor que controle o ensino científico, e um aluno que não presencia sua definição curricular, sendo apenas sujeito dela e a escola espaço de molde social, onde se dá conhecimento referente àquela sociedade, que pôs o poder educacional sobre as mãos dessa instituição, demonstrando uma forte ligação entre educação e transmissão cultural. É possível dimensionar que essa abordagem não condiz com a nossa proposta por aspectos como a ênfase no controle, elitização cultural e por considerar o sujeito como alheio ao conhecimento, sendo ele advindo do meio externo, sem dar ênfase ao papel crítico que cada sujeito carrega e que filtra seus conhecimentos. Assim sendo, não é condizente com os alunos em que nos propomos a pensar.

Prosseguimos para a abordagem humanista, segundo Mizukami (1986) é advinda da psicologia humanista, que centra o ensino no aluno, focalizando as relações interpessoais e o desenvolvimento individual da personalidade, posicionando o professor como assistente do processo de aprendizagem, que também é visto como detentor de aprendizagens que o possibilitam realizar seus próprios propósitos. Sendo assim, somente ele pode saber como formatar seu repertório como professor. Por conter seus próprios princípios, cumpre seu papel de forma natural em contato com o meio, sendo o professor criador de possibilidades de aprendizagem e não se põe como aquele que ensina. Nesse mesmo pensamento, os sujeitos são considerados como seres em processo contínuo de descoberta de si. A referida abordagem focaliza a realização pessoal, não a adequação à sociedade em que se vê presente. Nesse método, a técnica não é algo primordial, posta, assim, em segundo plano, até mesmo pela ideia de que cada professor tem seu próprio modo dentro na sala de aula.



Após essa breve evidenciação da abordagem humanista, é compreendido que, mesmo vendo aspectos que se encaixam em nosso ideal, isso não ocorre por completo, deixando ressalvas, como o excesso de individualização do processo educacional, pondo o professor como mero assistente. Além disso, há a problemática envolta em cada professor no sentido de conceber seu fazer educacional livremente, sem nenhum parâmetro, podendo desalinhar de forma expressiva turmas que contem com diferentes professores em um mesmo ano letivo. Assim, a desconsideramos, por sua demanda de construção e modificação iminente.

Chegamos à penúltima abordagem, a cognitivista a qual Mizukami nos permite entender que é composta da vertente interacionista, que destaca o estudo científico da aprendizagem com o avanço cognitivo, estabelecendo o indivíduo como caçador de um estágio final nunca contemplado, realizando um processo de adaptação progressivo e buscando o alcance da melhor utilização de suas operacionalidades motoras, verbais e mentais. Essa abordagem liga a capacidade mental à variabilidade de fatos sociológicos; entretanto, não existe um modelo de sociedade ideal, pois se considera a variabilidade. Porém, esses aspectos conduzem à perspectiva que visa, unicamente, às etapas de formação e não ao sujeito em si. Para que o conhecimento avance, devem se criar situações que gerem desequilíbrio ao sujeito, levando-o a se adequar, gerando maior autonomia resolutiva a ele. Para essa ocorrência, o professor deve se responsabilizar em romper a rotina, hábitos e fixação de respostas.

Contemplamos esse recorte resumido da abordagem cognitivista, entendendo que também não se adapta à EJA por nós pensada. Buscamos criar nos sujeitos um sentimento de autoestima e senso crítico, algo que nessa abordagem dificultaria por seu ideal individualista e científico, além de sua preocupação central, evidentemente, incidir nos aspectos cognitivos.

Assim, chegamos a última abordagem, a sociocultural, que segundo Mizukami (1986) sendo uma abordagem interacionista, que dá ênfase ao sujeito como construtor de conhecimento, visando não apenas ele, mas também ao seu meio para que possa conduzi-lo como sujeito da educação e não adaptá-lo à sociedade, o que ocorre pelo senso crítico. Por ser detentor dessa criticidade, o sujeito rompe o ideal de ser mero recipiente de informações, recorrendo a sua criticidade para delimitar o conteúdo recebido, rompendo com a alienação imposta na convivência social. Diferentemente do estado de alienação, os sujeitos envolvidos nessa abordagem seguem em constante reflexão, não sendo conduzidos pela concepção alheia.



Busca-se dar a oportunidade de que os indivíduos respondam por si e em seus parâmetros construídos vivenciando e observando, reconhecendo a existência de diversas respostas possíveis. Portanto, uma única questão pode acarretar diversas respostas provenientes de diversas visões presentes em cada indivíduo, produzindo senso de consciência. Outro ponto de extrema relevância é o rompimento com a ideia de escola como uma forma educacional, dando maior amplitude à educação; com isso, a relação do professor com seu aluno é horizontal, sem imposição, sendo o professor, em conjunto com seus alunos, problematizador, abstendo-se do foco conteudista, partindo para a reflexão ampla das temáticas importantes ao contexto. A relação pedagógica se potencializa na mediação do conhecimento, um processo que envolve a partilha, o respeito dos sujeitos envolvidos ao nível de compreensão que ambos apresentam em relação ao objeto cognoscível. É na perspectiva interacionista que o conhecimento dialético ganha lugar de destaque, a transformação ocorre tanto no sujeito cognoscente quanto no objeto cognoscível.

Dessa forma, conseguimos, enfim, nos aproximar de uma abordagem que demonstra incontestável potencial pedagógico para a EJA, e com nossa concepção dela. Assim, acolhemos a abordagem que conduz nossa idealização da educação de jovens e adultos, com mais elementos teóricos da abordagem sociocultural.

Paulo Freire, dono de um saber que partilhado em suas obras, no campo da educação, que acessa as suas brilhantes obras torna-se um professor mediador por desejo, lendo, por exemplo, o livro “Pedagogia do Oprimido”, uma de suas mais importantes obras, não passamos incólumes à metodologia da problematização. Sendo assim, contemplamos duas de suas obras, que atribuem relevância à educação. Nesse texto, cumprem grande base teórica para nossa concepção de educação, afirmando-nos ideias que nos permitirá uma prática docente afirmadora da autoestima e criticidade dos estudantes da EJA.

**COMO IR ALÉM DO ESPECTRO PRODUTIVISTA DA ESCOLA PÚBLICA QUE
CONDUZ O CONHECIMENTO AO SABER FAZER?**



Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (1997), traz um olhar voltado à relação entre professor-aluno e ainda à relação de ambos com a sociedade, destacando como a educação tradicionalista fortalece a ideia de um *status* de sociedade elitista e excludente. E para que a sociedade se liberte, deve começar, essencialmente, pela educação que possibilite o foco em uma visão crítica e reflexiva, ou seja, deve partir de um pressuposto diferente do tradicional. Em Freire podemos compreender ainda que a formação docente, em seu pressuposto de ação e reflexão da ação educativa vislumbra, por certo, a autonomização do sujeito como foco central da sua obra.

Com o método centrado em Paulo Freire, o processo de educação está focado na relação educador-educando. O educando traz consigo um conjunto de conhecimentos, resultado de suas experiências, e o educador será o responsável por auxiliar na organização desses conhecimentos, relacionando os saberes trazidos pelo educando com os saberes da escola. Dessa forma, o educando melhora de forma progressiva sua autoestima, conseguindo participar mais ativamente do processo de aprendizagem; conseqüentemente, maior será sua autonomia e uma maior participação na sociedade.

A proposta de uma educação libertadora inspirada em Paulo Freire promove a interação no processo educacional, e o professor é o mediador, nesse caso, os envolvidos no processo educativo se tornam sujeitos do processo de aprendizagem por meio de compartilhamento ou troca de experiências, pois ao ensinar se aprende e, aprendendo, se ensina. De acordo com Freire, “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...]” (1987, p. 44).

Paulo Freire orienta para a necessidade de o educador assumir uma postura de vigilância contra todas as práticas de degradação humana. E, para que isso se concretize, é necessário o exercício de reflexão crítica das causas, que deve partir também do educando.

Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes. (FREIRE, 1987, p. 36).



Paulo Freire propõe um método que engloba uma visão libertadora, no qual o homem sai da posição de mero depósito de conhecimento e começa a ser visto como um ser pensante capaz de ações reflexivas. O aprendizado se transforma em uma construção crítica, despertando, assim, o desejo de aprender. Segundo Paulo Freire, educação surge de uma concepção problematizadora, em que o conhecimento que resulta é crítico e reflexivo.

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir conhecimentos e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. (FREIRE, 1997, p. 44).

Vale ressaltar que a educação é um ato político, que exige do educador uma tomada de posição, ou seja, precisa assumir de fato essa política no âmbito da educação, com saberes que são essenciais na prática pedagógica, como a ética, a competência e, principalmente, o respeito pelos saberes do educando.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiência feitos com que chegam à escola. (FREIRE, 1997, p. 33).

Portanto, deve-se buscar o reconhecimento da identidade cultural do educando, rejeitando toda e qualquer forma de discriminação ou preconceito.

Nesse contexto, a formação dos educadores, ao insistir na construção de uma educação crítico-reflexiva, obtém melhor resultado quanto à afirmação de sujeitos com subjetividades capazes de enfrentar os desafios advindos do contexto social, político e econômico em que vivem. Percebe-se, dessa forma, a evidente importância do papel do educador, suas experiências e vivências, tendo em mente a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, ou seja, faz-se necessário, também, a compreensão de sua prática. É necessário que o formando, desde o início de sua experiência de formação, responsabilize-se como sujeito da produção do saber, criando possibilidades para a sua construção social, profissional e para a manutenção e atualização de tais saberes. “Por isso é que, na formação permanente dos



professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1997, p. 21). Sendo assim, é imprescindível ao educador a compreensão e a clareza de sua prática e de que o ato de ensinar exige comprometimento. A busca da autonomia vai se constituindo na experiência de inúmeras decisões tomadas ao longo do tempo. Nessa perspectiva, a “Pedagogia da Libertação” proposta por Freire tem de estar focada em experiências que estimulam a decisão, a responsabilidade e, principalmente, a liberdade, que, segundo o educador, “exige uma permanente busca” (FREIRE, 1987, p. 22).

No entanto, é evidente um longo e desafiador caminho a percorrer com os sujeitos da EJA, para que possamos alcançar uma educação de qualidade e satisfatória para esses sujeitos, pois sabemos que eles têm muitas dificuldades na vida e a escola pode lhes servir de ponte, para importantes e necessárias travessias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao ponto das reflexões finais, sem termos a vontade de fecharmos tal discussão, pois a sentimos muito importante para a nossa sociedade.

A discussão que apresentamos aqui sobre as abordagens do processo de ensino de Mizukami (1986) e as contribuições teóricas de Paulo Freire em suas obras principais servem para nos dar um horizonte acerca da realidade. Não podemos desanimar e nem desistir de edificar a nossa docência na premissa da Pedagogia Libertadora. As propostas de Paulo Freire são e serão de fundamental importância para a sociedade em que vivemos e que os educadores formados e em formação devem buscar aperfeiçoar e refletir de forma crítica sobre a importância de sua prática pedagógica, que irá colaborar no desenvolvimento integral do educando, permitindo que ele se assuma como sujeito crítico e produtor do seu próprio saber.

Outro aspecto que deve ser refletido na construção da prática pedagógica dos docentes da EJA é a escolha da abordagem, como trazido neste artigo. Consideramos a abordagem



sociocultural como a de maior adequação ao fomento da autoestima e autonomia, contudo, é na vida cotidiana que acontece, de fato, entre educador e educando que se pode forjar uma pedagogia libertadora. Nesse processo, o professor deve compreender que, mesmo que sua escolha gere tremendos impactos na educação de seus estudantes, são sujeitos que trazem consigo para a experiência formativa na escola muitas frustrações educacionais anteriores e também de suas experiências pessoais, em suas famílias, com muitos traumas difíceis de serem escutados ou percebidos, cabe aos sujeitos mediadores que são os professores, muito respeito a cada história de vida.

Os estudantes adquirem autoestima, sociabilidade, reconhecimento de direitos, políticos e sociais, com os quais experimentam possibilidades de serem inseridos ao mercado de trabalho, trata-se de um novo processo em que se posicionam no mundo como autores de suas próprias histórias.

A nossa formulação nos provoca para seguirmos pensando como melhor atuarmos com a modalidade EJA, de que forma podemos contribuir para que os estudantes sintam a validade da escola, tenham desejo de permanecer no espaço neste importante universo escolar acreditando na possibilidade de ser ele uma ponte importante para a sua travessia, um movimento que consiste em trabalhar a intelectualidade de cada sujeito em favor de si mesmo e dos que estão em seu entorno, e mais ainda, uma possibilidade de transitar da consciência ingênua para consciência crítica acerca da sua realidade e da sua história de vida. Colaborando para além da visão tradicionalista empregada a eles, o docente presente no contexto da EJA carrega um papel mediador de incomensurável alcance às pessoas que lhe acessam em atuação pedagógica, em outras palavras: isso faz de cada professor um mediador imprescindível ao crescimento intelectual e ético de seus educandos. Todos esses aspectos devem fazer parte da reflexão realizada pelo docente ao construir seu planejamento de aula e propostas pedagógicas. Como um dos motivadores destacados em nosso texto, a busca por inserção no mercado de trabalho, sendo este um forte motivador para retorno dos estudantes à sala de aula, portanto, uma ferramenta que o professor pode utilizar como artifício de seu planejamento, dando ênfase em palavras ou conhecimentos que possam ser úteis para eles em seu objetivo empregatício, como a formulação de currículos, nesta prática poderia utilizar vocabulário, diferentes aplicabilidades dos números, e construir um material útil para os estudantes não apenas no meio acadêmico, mas também externamente.



REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.